



“Entre escutas e caminhos: uma trajetória em Filosofia Clínica”

Tatiana Borges Carvalho¹

RESUMO

Este texto apresenta uma narrativa autobiográfica sobre a trajetória pessoal, intelectual e profissional que conduziu à escolha da Filosofia Clínica como caminho de vida, pensamento e escuta. A autora descreve o encontro inicial com a filosofia, especialmente a partir da leitura de Friedrich Nietzsche, sua relação com as artes e o cinema, bem como o incômodo com uma filosofia excessivamente acadêmica e distante das realidades sociais. O texto também aborda a aproximação com a semiótica e o universo digital, destacando a importância dessas dimensões na compreensão do sujeito contemporâneo e na prática clínica, reafirmando o compromisso com uma filosofia viva, acessível e sensível.

Palavra-chave: Filosofia Clínica; Trajetória pessoal; Semiótica; Comunicação; Subjetividade.

ABSTRACT

This text presents an autobiographical narrative about the personal, intellectual, and professional trajectory that led to the choice of Clinical Philosophy as a path of life, thought, and listening. The author describes her initial encounter with philosophy, especially through the work of Friedrich Nietzsche, her relationship with the arts and cinema, as well as her discomfort with an overly academic and socially distant philosophy. The text also addresses the approach to semiotics and the digital environment, highlighting their importance in understanding the contemporary subject and in clinical practice, reaffirming the commitment to a living, accessible, and sensitive philosophy.

Keywords: Clinical Philosophy; Personal trajectory; Semiotics; Communication; Subjectivity

¹ Email: tatianaborgesfilosofaclinica@gmail.com -Recanto da Filosofia Clínica



Meu nome é Tatiana Borges, tenho 47 anos, nasci em Santos, no litoral de São Paulo, e atualmente resido em Praia Grande. Sou mãe da Jacqueline e do Gabriel e tenho como grande amigo e companheiro de caminhada meu esposo, Hércules. Ao longo da minha trajetória pessoal e profissional, vivi experiências que contribuíram de forma significativa para a escolha da Filosofia Clínica como caminho de vida, pensamento e escuta.

Quando paro por alguns instantes e revisito minha história com a filosofia, sou imediatamente conduzida à minha infância. Sempre fui atenta, observadora e profundamente questionadora. Sentia um prazer imenso em aprender, em descobrir o mundo e em compreender aquilo que, muitas vezes, não se mostrava de forma evidente.



Por volta dos 15 anos, a filosofia passou a se fazer presente de maneira mais concreta em minha vida. Fui apresentada a Nietzsche por meio da obra *A Transvaloração dos Valores*. O impacto foi profundo. Só de recordar, ainda me emociono. Foi uma experiência grandiosa, vibrante, quase um reconhecimento íntimo. Pensei comigo mesma: “É aqui. Eu me encontrei neste lugar”. Encontrei alguém que dialogava com meus pensamentos e sentimentos. Sentia que Nietzsche filosofava das vísceras para a mente, e não o contrário. Era intenso, arrebatador. Assim se iniciava uma relação mais profunda e consciente com a filosofia.

Paralelamente, as artes sempre estiveram presentes em meus estudos. Naquele período, o cinema tornou-se meu ponto focal. Cinema e filosofia caminhavam juntos. Eu e meu esposo nos dedicamos a oficinas de cinema e realizamos dois curtas-metragens: ele na direção de arte e trilha sonora, e eu na direção. Nossas pesquisas giravam em torno do cinema e da semiótica. Cheguei a cogitar uma graduação em cinema, mas sentia, de forma muito clara, que meu caminho era a filosofia. Entendi que poderia me dedicar à filosofia e uni-la ao audiovisual como uma forma de semiose, como expressão do pensamento e do sentir.

Sei que a palavra “filosofia” provoca incômodo em muitas pessoas. As razões são diversas: estranhamento, incompreensão, distanciamento. Em meus estudos, percebia e sentia que, muitas vezes, a forma como a filosofia era compartilhada não dialogava com as múltiplas realidades sociais. A filosofia acadêmica parecia ocupar um Olimpo



inacessível, enquanto nós, meros mortais, permanecíamos à margem. Apenas alguns “escolhidos” teriam acesso. Isso sempre me incomodou profundamente. Para mim, a filosofia é viva, prática, pulsante. Posso afirmar que ela me transformou em muitos aspectos da minha vida. E, sempre que possível, compartilhava minhas experiências buscando aproximação, escuta e diálogo. Sempre gostei de ouvir histórias de vida, acolher pessoas e encontrar formas de ajudar.

Como faz parte da minha natureza, sigo sempre em busca de experiências e aprendizados. À medida que a vida flui, sentimentos e pensamentos se deslocam. Ideias esquecidas podem vir à tona, enquanto outras se dissipam, abrindo espaço para novas perspectivas.

O tempo passa, mas a inquietação, o espanto diante da vida e o desejo de acolher permaneciam. Em determinado momento, minha busca por conhecimento e terapia foi guiada pelo meu interesse em descobrir novos métodos e abordagens que pudessem me ajudar a fazer diferença positiva na vida das pessoas. No entanto, não me identificava com os caminhos da psicologia ou da psicanálise. Foi então que, em um belo dia, após uma longa busca, a Filosofia Clínica me encontrou.

E digo que ela me encontrou porque foi assim que senti. Folheando uma revista sobre Filosofia (não me recordo qual), nas últimas páginas através de um texto escrito por Lúcio Packter, fui apresentada à Filosofia Clínica. Entrei em êxtase. Imediatamente, fui em busca de maiores informações. No YouTube, encontrei as aulas do Will Goya. Assisti a todas e tive a certeza de que esse era o caminho que desejava seguir. Com o tempo, entrei em contato com o Will, mas, naquele momento, ele ainda não ministrava aulas no formato EAD. Foi então que ele me indicou o Cláudio Fernandes, do Recanto da Filosofia Clínica onde daria início a minha formação como filósofa clínica. À medida que avançava no curso, minha certeza só se fortalecia. Considero Lúcio Packter um gênio — alguém que trouxe oxigênio para a filosofia, atravessando aquilo que estava rígido, preso, cristalizado.

Ao longo desses anos, vivi muitos aprendizados e desafios. Desconstruções, construções e reconstruções constantes. Descobri-me e compreendi-me como mulher que pensa, que sente, que tem força e pode ser independente. Aprendi que, mesmo diante das demandas do cotidiano e das mazelas, muitas vezes impostas pela sociedade, seguimos resistindo, criando e desbravando novos caminhos.



A Filosofia Clínica chega à minha vida como uma possibilidade ainda mais transformadora e iluminadora. À medida que viajo cada vez mais para dentro de mim, passo a me conhecer de forma mais profunda e a caminhar com mais segurança e sabedoria.

Ser mulher, muitas vezes, é se desdobrar. Desdobrar-se em muitos papéis — e um deles é o de acolher, cuidar, escutar amorosamente, sem julgar, sem rotular, apenas acolher com o coração.

Minha vida pessoal e a Filosofia Clínica são totalmente interconectadas. Essa conexão e esse desenvolvimento mútuo fizeram com que minha busca inicial viesse novamente à tona: comunicar a filosofia e a Filosofia Clínica de forma menos erudita, menos acadêmica, mais próxima das pessoas. Uma filosofia que dialogue com as diversidades e com diferentes realidades.

Por compreender que esse objetivo converge diretamente ao campo da comunicação, não pude desconsiderar a importância de me dedicar também aos novos formatos comunicacionais que atravessam nosso tempo. Assim, minhas pesquisas passaram a se aprofundar nos estudos semióticos, especialmente naquilo que vai para além das palavras, alcançando gestos, imagens, sons, silêncios, interfaces e modos de presença.



A semiótica me oferece ferramentas para compreender como os sentidos se constroem nas diferentes formas de expressão humana e, sobretudo, como essas formas se transformam no contexto do universo digital. Vivemos um tempo em que o sensível e o tecnológico não estão mais separados. O digital não é apenas um meio, mas um ambiente que reorganiza nossas maneiras de sentir, pensar, agir, nos relacionar e existir no mundo.

Nesse percurso, me dediquei a algumas especializações como Comunicação 5.0, Filosofia da Mente, Semiótica e Sexualidade em nossos dias. Literaturas de Pierre Levy, pós-estruturalismo francês e Lúcia Santaella tornaram-se referências fundamentais. Suas reflexões sobre as linguagens, os processos de significação e a cultura digital ampliaram meu olhar para compreender as múltiplas camadas de sentido presentes nas experiências contemporâneas.



Essas reflexões dialogam profundamente com a Filosofia Clínica, pois o sujeito que chega ao espaço clínico já é atravessado por múltiplas linguagens digitais, por temporalidades fragmentadas, por imagens, estímulos e narrativas que impactam diretamente sua estrutura de pensamento, seus afetos e sua forma de se relacionar consigo e com o outro.

Assim, minha busca atual se dá nesse entrelaçamento entre filosofia, clínica, semiótica e universo digital. Um caminho que me convida a escutar não apenas o que é dito, mas também aquilo que se manifesta nas imagens, nos gestos, nos silêncios e nos modos de presença e ausência que caracterizam nosso tempo. Caminho este que reafirma meu desejo por uma filosofia viva, sensível e acessível — capaz de dialogar com as múltiplas realidades, acolher as singularidades e acompanhar o humano em suas contínuas transformações.

